



## **Corpo e Comunicação: Vinculações e Desvinculações<sup>1</sup>**

Ana Cecília Aragão GOMES<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

Este artigo faz uma reflexão sobre a comunicação e sua relação com o corpo, suas possibilidades de vinculações e desvinculações. Ancora-se nas ideias de mídia primária, secundária e terciária de Harry Pross e na noção de comunicação como sendo possibilidade de geração de vínculo comunicativo e afetivo com outro corpo, desenvolvida por Norval Baitello Júnior. Neste sentido, o corpo seria o primeiro suporte dos textos culturais e dos processos comunicativos, servindo de suporte para as outras mídias, as acionando, as percebendo e estendendo os seus sentidos sobre elas. Assim, o corpo se torna a realização da experiência comunicativa e os sentidos são os agenciadores da vinculação que configura a existência social e os vínculos que se transformam em linguagem, códigos, leis, comunicação e sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Comunicação; Cultura; Sociedade.

### **Comunicação e Vinculação**

“Por qual razão somos obrigados a viver juntos, quando sabemos bem que é muito difícil, que nos faz sofrer pelos nossos mal-entendidos, malditos e malvistas, que envenenam o nosso cotidiano?” (Cyrulnik, 1993, p. 7). Segundo o próprio Cyrulnik, somos obrigados a viver juntos primeiramente por uma questão de sobrevivência e porque, mesmo que nunca vejamos o mundo dos outros, que nos fascina e nos intriga, podemos pensá-lo, imaginá-lo, criá-lo, e, depois, habitá-lo, convictos de que, para sermos nós mesmos, só o podemos ser com os outros.

Não é incomum termos a sensação que entramos numa relação de indiferença social; que não suportamos o outro humano; que não queremos ser mais afetados por esse outro; que nos enfadamos dessa relação; que não queremos mais pactos com o outro concreto. No entanto, paradoxalmente, estamos permanentemente nos precipitando uns em direção aos outros, criando novos pactos, novas formas de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Professora de Teorias da Comunicação e de Semiótica da Faculdade de Excelência Educacional do Rio Grande do Norte e Universidade Potiguar, respectivamente. Email: [anacecilia\\_ag2@yahoo.com.br](mailto:anacecilia_ag2@yahoo.com.br).



encontros e afetividades, que funcionam como comunicação material, cimento sensorial, força biológica que nos une e estrutura a nossa coexistência.

Convivem em um mesmo espaço pessoas que se distinguem pelas formas de encontros e construções de vínculos e afetividades com o outro humano. Quando falamos dessa indiferença social e desse enfado com o outro humano, observamos que esta atitude é mais visível em uma parcela da população, que possui diferentes acessos às novas tecnologias de comunicação e que se isola em condomínios fechados e em automóveis; que prefere ir ao cinema e experienciar o duplo, protegida de toda concretude da realidade, a fim de encontrar o outro. Nesse cenário, tornamo-nos intocáveis (MONTAGU, 1988). A presença física do outro humano assume um aspecto nocivo. O outro humano, se me tocar, desequilibra minhas seguranças, me traz sensações que eu não vou saber o que fazer, revela minha própria fragilidade. Isso nos possibilita um desenvolvimento maior da experimentação do duplo do que, necessariamente, a experimentação da alteridade. Ao mesmo tempo, há outra parcela da população que está fora do cenário *fast*, com sua cotidianidade familiar e convivência de bairros. Segundo Jesus-Martin Barbero (2006), a cultura no bairro não é oficial, não é propriedade de ninguém, é um modo de ser, viver e morrer. A rua e a praça ainda são lugares de encontro, de trabalho, de jogo e de conversa. As pessoas trocam diariamente olhares e afetos. Eis um ponto de fuga.

O homem como ser social é produto e produtor de comunicação/incomunicação. A comunicação é como *conditio sine qua non* da existência humana, que determina todas as atividades especificamente humanas. Para Pross (1990), a comunicação designa o mecanismo mediante o qual existem e brotam as relações humanas, todos os símbolos espirituais junto com os meios para transportá-los no espaço e conservá-los no tempo. Compreende a expressão do rosto, a postura e o gesto, o timbre da voz, as palavras, a escrita, a imprensa, o trem, o telégrafo e o telefone e qualquer que seja a última conquista do espaço e do tempo.

Entendemos, então, a condição humana como uma contingência da vida que se expressa pelo corpo. Corpo que está atado a um certo mundo e que não está primeiramente no espaço: ele é nosso espaço (Merleau-Ponty, 2006). Reconhecemos o corpo como experiência humana, como ser no mundo, pois ele não está isolado, definido, fechado; a todo o momento o corpo estabelece trocas constantes interior/exterior. Por meio do corpo, estabelecemos trocas materiais, sensoriais e simbólicas na busca de nos vincularmos ao outro. A nossa relação com o mundo é



corporal. Assim, o corpo não é objeto, ele é o próprio ser, em sua identidade e expressão original. Na experimentação do mundo, tornamo-nos corpo que habita um espaço e um tempo. Por essa relação, apreendemos o mundo, percebendo-o através dos sentidos e atribuindo-lhe significados. O domínio do simbólico habita a unidade do corpo, em que não há separação entre o psiquismo e o biológico; o humano ultrapassa o nível dos instintos e dos sinais, tornando-se, assim, simbólico.

Como já destacamos anteriormente, a humanidade para Morin (2007) surge de uma pluralidade e de uma justaposição de trindades: a trindade indivíduo/sociedade/espécie; cérebro/cultura/espírito e razão/afetividade/pulsão. Os três termos são meios e fins uns para os outros. Por isso, o indivíduo é, ao mesmo tempo, o fim da espécie e o fim da sociedade, permanecendo meio para ambas. Contudo, as finalidades do indivíduo humano não se reduzem nem ao viver para a espécie nem ao viver para a sociedade. O indivíduo aspira viver plenamente sua vida. Finalidades individuais desenvolveram-se ao longo da história: felicidade, amor, bem-estar, ação, contemplação, conhecimento, poder, aventura... (Morin, 2007). As instâncias da trindade são inseparáveis. Não temos como definir onde acaba a natureza e termina a cultura.

Neste sentido, Lévi-Strauss (1982, p. 47) é categórico ao afirmar que “tudo quanto é universal no homem depende da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e que tudo quanto está ligado a uma norma pertence à cultura e apresenta os atributos do relativo e do particular”. Assim, o homem é 100% biológico e 100% cultural e, encontra-se numa simbiose conflitual da ordem biológica da pulsão e da ordem social da cultura.

Vilém Flusser (1979) trata de forma poética a relação simbiótica e conflitual entre natureza e cultura. Para isso, ele nos faz pensar sobre a observação da chuva.

A observação da chuva pela janela é acompanhada de sensação de aconchego. Lá fora, os elementos da natureza estão em jogo e sua circularidade sem propósito gira como sempre. (...) Cá dentro, estão em jogo processos diferentes. Quem está do lado de dentro dirige os eventos. Eis a razão da sensação do abrigo: é a sensação de quem está na história e cultura, e contempla a turbulência sem significado da natureza.

(...) Não posso distinguir entre cultura e natureza olhando para as coisas, mas apenas aprendendo a respeito delas. Se olho para a janela e vejo a chuva, cadeiras e árvores, não posso saber quais dessas coisas são cultura, quais natureza.

(...) Natureza é como chuva: provoca a sensação de impotência; cultura é como a sala: provoca a sensação de abrigo.



(...) Sem dúvida, a observação da chuva exige que redefinamos nosso engajamento em cultura (Flusser, 1979, pp. 36-37).

Ter essa ideia como pressuposto é importante para evitarmos separar o homem da natureza e deixarmos de opô-lo ao resto dos seres vivos. Devemos atribuir o seu lugar no que é vivo e de tornar observável como a semiotização dos sentidos o permite afastar-se de um mundo impregnado no percebido, para habitar outro mundo enfeitado pelo percebido (Cyrulnik, 1999).

Nesta perspectiva, o corpo é um *complexus* de desejos, temores, paixões, sentidos, mistérios. Para Ernest Becker (2007), os homens estão fora da natureza e desesperadamente nela. Tanto em termos individuais como coletivos. Todos nós nos elevamos sobre a finitude de nossa vida corporal e, no entanto, sabemos que o vôo da vida, de maneira inevitável, vai cair no solo. Fazemos de tudo para transformar nossos limites naturais no mais bem guardado dos segredos. Assim, para Becker:

Tudo que o homem faz em seu mundo simbólico é uma tentativa de negar e sobrepujar seu destino grotesco. Ele literalmente se lança em um esquecimento cego por meio de jogos sociais, truques psicológicos, preocupações pessoais tão afastadas da realidade de sua situação que são formas de loucura: loucura aceita, compartilhada, disfarçada e dignificada, mas mesmo assim loucura (apud Bauman, 2008, pp. 7-8).

Segundo Cyrulnik (1993), todos os organismos são porosos, mesmo ao nível elementar; é a troca com o mundo exterior que lhes permite viverem, desenvolverem-se e tentarem ser eles mesmos. De todos os organismos, o ser humano é, provavelmente, o mais dotado para a comunicação porosa (física, sensorial e verbal), que estrutura o vazio entre dois parceiros e constitui a biologia ligante. *Estar-com* necessita da presença de dois indivíduos ligados pelos poros. O indivíduo é um objeto ao mesmo tempo indivisível e poroso, suficientemente estável para ser o mesmo quando o biótipo varia e suficientemente poroso para se deixar penetrar, a ponto de se tornar ele mesmo um bocado do meio ambiente.

A esse entendimento associa as ideias de Daniel Bounoux (1999). Para ele, existir é estar vinculado. Esta ideia é importante para compreendermos a comunicação. Assumimos que a comunicação é vínculo, é elo, é relação entre os seres pela via da afeição e do corpo e para existir é necessário a proximidade física e/ou psicológica entre os interlocutores. Nesse sentido, a comunicação humana é uma possibilidade, inclusive de incomunicação.



Apresentamos o corpo aqui como mídia primária. O corpo como início e fim de toda comunicação. Para estabelecermos vínculos com o outro, contamos primeiramente com o nosso corpo: nossa primeira mídia. Todas as simbolizações corporais que estabelecem o contato elementar humano, transcendem, interrompem o tempo. São os primeiros meios de entendimento. Baseamo-nos em Pross (1990), ao destacar que há uma simbologia corporal que contempla o adorno do corpo, a postura, a posição relativa uns com os outros (nível, procedência, contraposição, justaposição), os passos, a forma de se alimentar, as secreções corporais e as expressões faciais estereotipadas. Esta simbologia cria um código para a comunicação não verbal.

Stepanov (2009) contempla nossa ideia de corpo e comunicação ao enfatizar que a experiência da comunicação é a experiência da cultura e cada cultura correspondem certas práticas corporais e mecanismos de formulação de tipos de corpo adequado ao sistema social. Para ele,

The media, first of all, is material's fixed / embodied statement - that means: in time and space, the certain mode. The purpose of media - transfer of the information, the communications which occur between people, and in any case affects bodies, as the phenomenology asserts, the communications occur between living human bodies. The communications take place at body level, and not at that of a cleanly conscious process of an exchange by signs. Thus, media - media of tools, - is means of transfer of an in-formation, and, hence, a trans-formation and de-formations (Stepanov, 2009, p.1).<sup>3</sup>

O corpo é o nosso primeiro suporte de textos culturais e de processos comunicativos. Ele porta em si a marca da vida social e imprime em si mesmo determinadas modificações de um repertório cultural e simbólico. Perfuramos, colorimos, queimamos nossa pele para imprimirmos nela cicatrizes-signos. Também carregamos os signos culturais e sociais através das roupas, acessórios, maquiagem, comportamentos. O corpo torna-se um complexo de símbolos, pois porta mensagens simbólicas que estão presentes no comportamento social em relação ao corpo e no comportamento do corpo em relação à sociedade. Esses signos são transmitidos e trocados entre os corpos no tempo e no espaço. Essas trocas acontecem mesmo que elas não sejam conscientes para quem as porta e as transmite.

<sup>3</sup> A mídia, em primeiro lugar, é o material fixado / consubstanciados no corpo - que significa: no tempo e no espaço, de certo modo. A proposição dos media - a transferência de informação, as comunicações que ocorrem entre as pessoas, que em todo caso afeta os corpos, como a fenomenologia afirma, as comunicações ocorrem entre os corpos humanos vivos. A comunicação tem lugar ao nível do corpo, e não um processo limpo e consensual de troca de sinais. Assim, os media - ferramentas midiáticas, - é a transferência de uma in-formação, e, portanto, uma trans-formação e de-formações. (Tradução nossa).



Para Rodrigues,

Cada uma dessas práticas se explica por uma razão particular, ritual ou estética: ritos propiciatórios, marca tribal, signo de status social, ritos de passagem, etc. (...) Muitas vezes, essas marcas fazem referência direta a relações sociais: o amor à mulher, o amor aos pais, o elogio à facção social a que se pertence. Em cada sociedade poder-se-ia levantar o inventário dessas impressões-mensagens e descobrir-lhes o código: bom caminho para se demonstrar, na superfície dos corpos, as profundezas da vida social (RODRIGUES, 1980, p.63).

Por meio do corpo, o homem produz sentido e se insere num sistema simbólico específico que legitima continuamente os sentidos inventados pelo corpo. Assim, o corpo é produtor e produto destes sentidos numa relação ambivalente. Ele conecta e inclui na medida em que diferencia e separa. Ao nos comunicarmos socialmente recebemos e enviamos signos verbais e não-verbais que acreditamos ser naturais e inconscientes, no entanto estas informações estão altamente codificadas, tornando-se uma linguagem de acordo com a cultura e a sociedade a qual pertence. Para Rodrigues (1980, p. 137), “a sociedade codifica o corpo e as codificações do corpo codificam a sociedade. As relações da sociedade com o corpo são relações da sociedade com ela mesma; são codificações lógicas tanto quanto morais”.

Identificamos em Michel Serres a proposição de que o corpo em movimento federaliza os sentidos e é através deles que chegamos ao conhecimento, pois tudo circula e passa pelo corpo. É nosso primeiro suporte da memória e da transmissão, conseqüentemente, de comunicação e de vinculação social. “Em qualquer atividade a que nos dedicamos, o corpo é o suporte da intuição, da memória, do saber, do trabalho, e, sobretudo, da invenção. Um procedimento maquinal pode substituir qualquer operação de entendimento, jamais as ações do corpo”. (SERRES, 2004, p. 36).

Dessa forma, segundo Josimey Costa (2004), os corpos são os campos dos sentidos e os sentidos são o reino do paradoxo, da diversidade, referenciadores do si e do outro, vinculadores com o outro. Ao permitirem a consciência do si pela percepção do outro, os sentidos abrem caminhos interligados para o encontro com o mundo, ao mesmo tempo em que guiam a busca dos caminhos de um sentido que faz o mundo existir na subjetividade de cada um. O encontro cria um campo sensorial que me descentra e me convida a existir. O paradoxo da condição humana, é que não podemos tornar nós mesmos a não ser sob a influência dos outros.



É a instância do corpo como a base para o processo comunicativo que destacamos aqui. É na conquista da vertical e da subseqüente consecução do horizonte, que resulta o símbolo do alto, limitado abaixo pela terra e acima pelo céu. A altura de uma coisa, uma pessoa, uma relação vertical simboliza sua superioridade sobre pessoas, sobre as coisas e sobre as relações menos altas. De onde quer que se evoque, o alto simboliza a diferença existente entre a posição humana e a animal. A relação de cima e baixo é uma simbologia política que funciona como meio de obrigar a obediência. Nesta dimensão, conquistamos as codificações de poder. E é na dimensão da horizontalidade que nos unimos (posição humana e animal) sobre o mesmo plano, para assim conquistarmos as relações solidárias de igualdade.

Assumimos, assim, que corpo, cultura, sociedade e comunicação estão em permanente relação dialógica e recursiva. O corpo é este estranho objeto, que utiliza suas próprias partes como simbólica geral do mundo, e através do qual, por conseguinte, podemos freqüentar este mundo, compreendê-lo e encontrar uma significação para ele. Segundo Revel & Peter,

Não existe palavra possível senão por causa do corpo. O que fundamenta a linguagem (não seu mecanismo nem suas leis, porém a necessidade de expressar-se) é que temos um corpo; sede do desejo, ele fundamenta a expressão desse desejo. Toda palavra é desejo, toda palavra vem do corpo. Se se fala, fala-se disto mesmo, embora sob a forma de outra coisa. Porém a palavra, nascida do corpo, ocupa-se logo em enganar, a tecer a vestimenta enganadora de uma ilusória independência. Aparência enganadora graças à qual sufoca, na linguagem, pela linguagem, o que existe de inquietante no corpo. Finalmente, toda palavra ordenada, refletida, institucionalizada emprega-se para negar o corpo (REVEL & PETER, 1976, pp. 145-146).

Não existe apenas um corpo no mundo. Trata-se de corpos que são conceituados em indivíduos, sujeitos, sociedade, coletivos, íntimos, privados, públicos. A presença do outro implica sempre uma espécie de contenção a ponto de sermos, para não lhe causarmos mal-estar, obrigados a não evidenciar termos sido atingidos involuntariamente por um perdigoto seu: o outro é, então, intrinsecamente dotado de autoridade. A ausência do outro é, de certa forma, libertadora, e as virtudes e defeitos encontram-se neutralizados em certo grau. Mesmo assim, o indivíduo precisa de laços afetivos para sobreviver biologicamente e estruturar sua vida psíquica, em alternância constante entre eu e outro (SILVA, 2006).



Assim, o outro corpo já não é mais um simples fragmento do mundo, mas o lugar de uma certa elaboração. É justamente meu corpo que percebe o corpo do outro, e ele encontra ali como um prolongamento de suas próprias intenções. O corpo do outro e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima, da qual meu corpo é a cada momento o rastro, habita doravante estes dois corpos ao mesmo tempo. (MERLEAU-PONTY, 2006).

### **Incomunicação e Desvinculação**

A consciência da morte fez com que o homem tivesse a necessidade de se apropriar do espaço (vincular o espaço) e de se apropriar do tempo (vincular o tempo), exigindo, assim, novas formas de comunicação. Para isso, o homem cria maneiras de imortalizar o corpo em imagem, através de sua reprodução técnica. Hoje, contamos com o excesso de tecnologia e a extrema abstração do corpo que têm possibilitado o esgarçamento do laço social, modificando o nosso estar-no-mundo. Essas modificações também estão relacionadas à crescente individualização da sociedade, por um sentimento de incerteza, por uma visão de futuro do mundo incontrolável e, portanto, aterradorizante.

Para Anthony Giddens (1991), a modernidade, enquanto organização social, que corresponde a um estilo de vida, inaugura uma nova maneira de conceber o homem, repercutindo sobre as relações sociais. O indivíduo emerge progressivamente como sujeito, detentor do seu destino. Esse novo modo de vida, cuja característica principal é a de ser emulada por um conjunto de descontinuidades que descentram o homem, trouxe consigo modificações nas instituições sociais tradicionais.

Bauman (2008), ao analisar a pós-modernidade de violência, identifica três causas para o surgimento da violência: a privatização, a desregulamentação e a descentralização dos problemas identitários. Ainda, segundo ele,

Os efeitos psicológicos disso tudo vão muito além das imensas fileiras de pessoas já sem posses e redundantes. Poucas pessoas entre nós podem de fato estar seguras de que seus lares, não importam quão sólidos e prósperos pareçam hoje, não sejam assombrados pelo espectro da ruína amanhã. Nenhum emprego é garantido, nenhuma posição é segura, nenhuma habilidade tem utilidade duradoura; a experiência e o conhecimento transformam-se em compromissos assim que se tornam valiosos, ao passo que carreiras sedutoras com muita frequência provam ser rotas de suicídio. (BAUMAN, 2008, p. 113)





As discontinuidades ou rupturas levaram o homem moderno a uma dificuldade em decifrar a sua própria existência ao ser lançado no caos do sentido, à mercê dos rápidos e incessantes ritmos de mudança. As tecnologias causam modificações no ser humano. As mudanças na experiência do espaço e do tempo têm grande impacto no modo como os indivíduos se relacionam entre si e com o mundo. David Harvey (2003) mostra a importância que instrumentos como o relógio, o mapa e o cronômetro tiveram na transformação da maneira como os homens experimentavam o espaço e o tempo. Com a aparição dessas técnicas, os indivíduos alteraram o modo como representavam o mundo e a si mesmos, rompendo com as práticas medievais.

A compreensão do espaço-tempo possibilitada pelas novas tecnologias comunicacionais e informacionais, por sua vez, ajuda a desencadear relações sociais baseadas na instantaneidade, na presentificação e na velocidade. A época em que vivemos é versátil e a imensa gama de possibilidades gera um mundo cada vez mais ambíguo. Na personificação total, podemos escolher instantaneamente estilos de vida, viagens, papéis sexuais, identidades e corpos. Por isso, o impacto das redes comunicacionais tem forte influência sobre as relações humanas.

Dietmar Kamper (2003) escreve sobre um corpo que se tornou invisível. Invisível porque pouco vemos o nosso corpo e, ao mesmo tempo, vemos nosso corpo em demasia através de imagens do corpo. O corpo que nos é invisível é aquele corpo vivo, o corpo das entranhas, do sentido; o corpo esquecido, e por isso, muitas vezes desconhecido; o corpo que sente e toma seu lugar no mundo, mas que, pelo excesso do visível, não mais o enxergamos. Transformamos o corpo vivo em imagens do corpo. Uma imagem do corpo vazia, frágil, homogênea, que traz fórmulas abstratas de entidades numéricas. Deixa-se de lado o corpo tátil, vivo, tridimensional. O corpo desmaterializa-se, torna-se abstração.

Para Kamper,

A transformação dos corpos em imagens de corpos teve lugar numa série de graus de abstração. Abstração significa aqui “subtrair o olhar a”. O poder do olhar manifesta-se naquilo que não é visto, que é deixado à margem como vítima da primeira distinção de uma visão focalizadora. Os corpos que nos circundam foram inicialmente distanciados e estilizados em retratos, estátuas e corpos imaginários; depois fotografados em planos e feitos imagens de corpos; e, finalmente, projetados sobre suportes de imagens materiais diferentes, da tela de linho à



da TV, ainda que a tendência à materialidade fosse inevitável (Kamper, 2003, p. 59).

Assim, pelos meios de comunicação, experimentamos nossos corpos abstratos, corpos-imagem. A tecnologia tem nos permitido evitar o risco do contato concreto com o outro corpo. Pelo tato, arriscamo-nos a perceber algo ou alguém como estranho. Hoje, a ordem parece significar justamente a falta de contato. Segundo Baitello (2002, p. 89), “os efeitos sobre a pluralidade da existência sensorial são imprevisíveis, porque o processo atua sobre as bases da propriocepção, gerando um corpo que apenas se vê quando é visto, se observa quando é observado, jamais se sente porque não pode ser sentido”. Então, o que devolverá o corpo aos sentidos? O que poderá tornar as pessoas mais conscientes umas das outras, mais capacitadas a expressar fisicamente seus afetos?

Hoje, há mais liberdade corporal e maior velocidade de comunicação do que no passado; no entanto, a sociedade se concentra em circuitos privados. É crescente o número de clubes, condomínios fechados, cercas elétricas, muros altos, carros blindados, etc. A sensação é a de que estamos mais conectados e mais isolados. Segundo Sant’Anna (2001, p. 47), “a liberdade e a velocidade de comunicação conquistadas não garantiram a superação do gritante descompasso entre a minguada vida social nas ruas submissas ao automóvel e a sociabilidade vivenciada em locais fechados, incluindo os de moradia”.

O mundo contemporâneo distancia-nos do outro concreto, com suas características de insegurança e esgarçamento de vínculos, e nos possibilitam os deleites através dos sentidos da distância (visão, audição), nos proporcionando uma fruição estética e a participação afetiva (projeção-identificação) dos fatos. Na era do excesso da visibilidade, somos induzidos a entrar em um círculo vicioso, no qual para participar do processo de visibilidade ampliada, aceitamos perder as corporalidades multidimensionais das nossas vidas. Condenamo-nos a apenas existirmos na tela, por uma participação afetiva internalizada.

Em nossos dias, existem várias indicações que demonstram o quanto usufruímos maior liberdade do que no passado para tratar do corpo, modificá-lo e expô-lo. Mas talvez estejamos mais solitários do que antes diante das responsabilidades que tal liberdade exige, ainda, amplamente expostos aos holofotes da exigência de sermos fotogênicos (SANT’ANNA, 2001). E assim, paulatinamente, vamos abrindo espaço para uma das formas mais sutis de violência: a perda do momento presente e da capacidade do presente (KAMPER, 2000). Fugimos à responsabilidade com o tempo



presente e transferimos nossa atenção para apagar o passado e tentar controlar o futuro. Enquanto isso, tudo circula, música, *chips*, informações, automóveis, milhares de corpos de passagem. Ao mesmo tempo, tudo parece estar fixo, imutável. E, em meio à agitação, falta espaço para criar, pensar, refletir e brincar.

Na atualidade, o silêncio também inquieta. Quando se é acostumado a considerar que o corpo tem o dever de comunicar, informar e esclarecer. Como se tudo devesse ser comunicado, interpretado, esclarecido pela linguagem. E eis, mais uma vez, homem vivo transformado em um sistema abstrato de *input* e *output*; um corpo, como em química, formulável, e sobre o qual operações prudentes de linguagem garantem a neutralização em corpo inerte, onde as forças perigosas cessaram de atuar. Enquanto isso, permanecem as vergonhas e as recusas das perturbações do corpo e do espírito. É preciso estar atento aos sinais, declarados ou não, em torno dos quais o corpo se articula. Assim, estaremos atentos as novas articulações do corpo frente aos avanços tecnológicos e às inseguranças proporcionadas pelo cenário contemporâneo. Percebemos que a busca pelo outro está presente. A diferença é que, hoje, com a proliferação de mídias que privilegiam os sentidos da distância, temos acionado mais o duplo por meio dessas mídias e desenvolvido pouco a nossa alteridade.

### Referências Bibliográficas

BAITELLO JR, Norval. As Irmãs Gêmeas: Comunicação e Incomunicação. Os meios da incomunicação. **Jornal Tribuna do Norte, Natal**, 19 de janeiro de 2002. Caderno Viver, p.6.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da comunicação**. Santa Catarina: EDUSC, 1999.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido**. O homem e o encantamento do mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

\_\_\_\_\_. **Os alimentos do afeto**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

FLUSSER, Vilém. **Natural:mente**: vários acessos ao significado de Natureza. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mimese na cultura**: agir social, rituais e jogos, produções estéticas. São Paulo: Annablume, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12ª Ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **O pensamento selvagem**. 8ª Ed. Campinas: Papirus, 2007.



KAMPER, Dietmar. O corpo vivo, o corpo morto. In: **Polifônicas Idéias: por uma ciência aberta**. Org. Maria da Conceição de Almeida, Margarida Knobbe, Angela Almeida. Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. A estrutura temporal das imagens. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex; COSTA, Josimey (Org.). **Complexidade à Flor da Pele. Ensaios sobre Ciência, Cultura e Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

MORIN, Edgar. **Método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PROSS, Harry; BETH, Hanno. **Introducción a la ciência de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1990.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo. O homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

STEPANOV, Mikhail Aleksandrovich. Machines of abstraction. Or how to pass from the Subject to the Project? In: **Revista GHREBH – Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da mídia**. São Paulo, nº12, outubro/2009.

SILVA, Josimey Costa da. Nosso mundo de ninguém: a incomunicação como desejo em si e ação entre outros. In: **Anais do III Encontro do CISC, Os Meios da Incomunicação**. São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **No limite da traição: comunicação de massa, cinema e vínculos sociais**. 2004. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paul